

Adeus às artes

Sílvio Dworecki *

O deputado federal Genebaldo Correa, do PMDB, nasceu em Santo Amaro da Purificação, na Bahia. Terra de Caetano Veloso, Maria Bethânia e do escultor Emanoel Araújo — três grandes artistas brasileiros que floresceram quando a Universidade da Bahia estava no auge. Mas o deputado talvez acredite que a arte, como o samba, não se aprende nas escolas.

Como líder do PMDB, o deputado transformou sua intenção em gesto. Um gesto singelo que retira apenas uma palavrinha do meio de uma frase. Ela é o começo do artigo 35 da Lei de Diretrizes e Bases, que está sendo substituída pelo Congresso. A frase é esta: “O ensino de arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, para desenvolver a criatividade, a percepção e a sensibilidade estética...” E advinhe qual é a palavrinha que o deputado quer suprimir — justamente o tal “obrigatório”.

Nesta terra em que os artistas são chamados para enfeitar festas e palanques de políticos, que, em sua maioria, nem se dignam a ter um programa para a cultura é fácil prever que as escolas, principalmente as particulares, poderão aproveitar a mudança proposta pelo deputado para se eximir da responsabilidade, acabando por excluir a Arte do seu elenco de matérias. Afinal, a Arte nas escolas exige mais professores, salas especiais, equipamentos e materiais adequados e... alunos mais participativos, perceptivos e criativos. Enfim, problemas para os “templos de ensino” que almejam a conduta das casernas, a contenção financeira dos conventos franciscanos e lucros a la McDonalds.

Muitos dos grandes artistas foram auto-didatas. O gênio de Mané Garrincha e de outros craques do nosso futebol se desenvolveu apesar da falta de escolas. Mas essa não é a regra. Qualquer um de nossos 140 milhões de técnicos de futebol sabe muito bem o prejuízo que o fim dos

campos de várzea — essas escolas informais de futebol — provocou. Van Gogh, por exemplo, beneficiou-se de um tempo em que as escolas holandesas tinham mais aulas de desenho do que o normal. Na Itália do pós-guerra, o Estado investiu pesado na criação de um design próprio, que começava nos bancos escolares. Aqui no Brasil, Mário de Andrade, Villa Lobos e outros nomes da nossa cultura sempre defenderam uma presença maior da Arte nas Escolas.

Com um pouco de incentivo, muito talento escondido pode se manifestar. Mas nos bancos das escolas nasce, também, o público para o nosso teatro, cinema, música, artes plásticas. E até cidadãos mais atentos.

É indiscutível que o ensino de Artes no Brasil tem muito que se aperfeiçoar ainda — como o ensino de Geografia, Português, Matemática, Ciências, História — disciplinas obrigatórias na formação escolar.

O homem sempre fez Arte — desde o momento em que começou a pintar a parede da caverna em que vivia. E é perfeitamente possível ensinar Arte na mais distante e pobre escolinha do interior, se valendo das tradições do artesanato local, de materiais disponíveis no quintal da escola, trabalhando o universo imaginativo das crianças, de suas famílias, de sua região. E mesmo onde a indústria matou o artesanato e as tradições, pode surgir Arte da sobra e da sucata. Afinal, é isso que tem feito os pardais em alguns bairros de São Paulo, onde já constroem seus ninhos com palha de aço.

Para bom entendedor, meia palavra basta. Mas nesse caso, é preciso uma palavra inteira — *obrigatório* — para que, no futuro, Santo Amaro da Purificação e outras cidades brasileiras tenham seus Genebaldos, mas também seus Caetanos, Marias Bethâncias e Emanoéis.

* Presidente da Associação dos Arte-Educadores do Estado de São Paulo, professor da